

Clóvis Irigaray é o principal desenhista de Mato Grosso. Podemos classificar seu desenho atual na tendência hiper-realista. Formalmente assume domínio técnico e precisão nos cortes para transmitir suas imagens tiradas das imagens fotográficas de postais ou revistas, as quais prefere ao invés de fazer suas próprias fotografias.

Iniciou explorando os postais do Xingu com a preocupação de ressaltar a intensidade de um pequeno espaço. Sabendo que um pequeno detalhe, uma paisagem vista através de uma fresta ou recorte de um espelho retrovisor, ou ainda da objetiva da máquina fotográfica possui uma beleza forte e interessante, o artista aproveita esse conhecimento e refaz o postal, a foto ou a ilustração (que já são detalhes da realidade). Com novos cortes imprime novo vigor e sentido na re-interpretação dos enfoques fotográficos, e, mais recentemente, vem modificando-as com aplicações ou substituições de elementos que, assim, constroem sua cena temática.

A impessoalidade, a proposital frieza com que emprega as cores o tornam coerente em sua indagação hiper-realista que não sabemos onde chegará. O não saber, nesse caso, não significa falta de orientação do artista. O não saber é a própria realidade, o imprevisível, o absurdo.

Mas, como já referimos, Irigaray não se prende apenas a um registro realista fotográfico. Seu desenho desenvolve uma linguagem temática vinculada ao social e ao filosófico que o torna diferente dos demais artistas que abraçam essa tendência. Com uma agulha crítica muito interessante e uma boa dosagem de humor coloca o índio em situações diversas da nossa sociedade "civilizada". Entretanto há qualquer coisa otimista em relação ao personagem, que não entra em conflito conosco. Aceita nossa realidade de maneira bem intencionada e até mesmo com certa complacência. A obra nos faz refletir um certo saudosismo pelos resquícios do nosso exótico. Esse saudosismo é uma situação que está no ar, próprio do momento social, pela tomada de consciência global da comunidade nacional de que realmente os povos primitivos brasileiros estão vivendo seus momentos finais. Como exemplo desse fato podemos anotar o aparecimento de cartões-postais referentes a índios brasileiros em surpreendentes números nos últimos anos. Os demais povos latino-americanos consultam o passado e encontram no asteca, no maia ou no inca a sua glória. O mesmo porém não ocorre conosco. Não encontramos no índio o registro da mesma riqueza, glória ou episódios heróicos. Mas sentimos necessidade de ter essas memórias. E a temática de Irigaray tem, entre outras, essa intenção. Valorizando o personagem, com precisão e frieza realista, traça uma mentira que será a memória no futuro.

Aline Figueiredo

Novembro, 1975